

## A representação da relação entre fonte e jornalista no seriado *House of Cards*<sup>1</sup>

José Lafaete Alves VAZ<sup>2</sup>

Tenaflae LORDÊLO<sup>3</sup>

Centro Universitário do Vale do Ipojuca - Unifavip, Caruaru, PE

### RESUMO

*House Of Cards* é uma série de ficção política produzida pela *Netflix* sobre um político que faz de tudo para chegar à presidência dos Estados Unidos. Este artigo busca analisar de que forma está representada a relação entre fonte e jornalista de acordo com teorias jornalísticas a respeito do tema e representação social. Foi realizada uma pesquisa descritiva dos episódios do seriado para chegar às conclusões aqui apresentadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** fonte; jornalista; política; representação.

### INTRODUÇÃO

Este presente trabalho tem como objetivo analisar como se dá a representação entre fonte e jornalista na série americana *House Of Cards*. Trata-se de um estudo sobre a ficção política produzida pela *Netflix*, que mostra os bastidores da Casa Branca. O seriado é baseado no livro homônimo de Michael Dobbs e foi adaptada pelo roteirista Beau Willimon. A trama apresenta a vida de Frank Underwood (Kevin Spacey), congressista americano, na sua saga política na residência do presidente dos Estados Unidos. O enredo mostra de que forma o inescrupuloso deputado federal, um democrata da Carolina do Sul, traça o plano para chegar até a presidência dos EUA.

Para adquirir poder e chegar ao cargo político mais importante do mundo, Frank se aproveita da ingenuidade de uma jovem repórter de jornal impresso, Zoe Barns, que sonha em ser uma grande jornalista. Mas a relação fonte-jornalista ultrapassa os limites éticos. Também são abordados na série temas como corrupção, tráfico e alianças por interesses entre mídia e política.

O personagem Frank Underwood – uma ficção, lembremos – simboliza o político de sucesso que, de golpe em golpe de astúcia, livre de qualquer respeito humano ou

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Graduando em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, 7º semestre (lafaetevaz@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do Unifavip, email (tenaflae@gmail.com)

considerações éticas, caminha em linha ininterruptamente ascendente de sua pequena província sulista até Washington, o Capitólio e a Casa Branca. Seu *leitmotif* é a ambição sem limites. Os meios são o ardid, a astúcia, a matreirice, a conjuração, a dedicação integral às maquinações políticas, a perseverança na busca de seus objetivos pessoais. É um tanto de ousadia e crueldade. O assassinato, o perjúrio, o adultério, a traição são apenas meios que se justificam por estarem a serviço de uma causa legitimadora: o poder. A que preço? Ora, isso não entra em consideração, pois a política, essa política, tem sua própria ética (AMARAL, 2015)<sup>4</sup>.

Rodrigo Alsina (2009) afirma que o tema das fontes é uma parte muito importante no processo produtivo da notícia e o estudo do profissionalismo jornalístico. O elo entre acontecimento-fonte-notícia é básico para a construção da realidade jornalística. Para a produção deste artigo foram utilizados estudos de representação social, fontes jornalísticas e permeia sobre a noção básica de *metaficção*, que é apresentada pela obra.

## FUNDAMENTAÇÃO

Frank utiliza suas armas de retórica para usar a jovem e ambiciosa jornalista Zoe Barnes (Kate Mara), repórter do jornal Washington Herald. Também conta com a ajuda de sua esposa, Claire Underwood (Robin Wright), que comunga dos mesmos ideais. O casamento dos dois pode ser considerado um “contrato”, já que um precisa do outro para alcançar seus objetivos pessoais. Ela quer ter um cargo na Organização das Nações Unidas (ONU) e ele ser o homem mais importante do mundo. Ambos não se importam o que, ou quem terão que derrubar para conseguir o que almejam.

O nome do jornal faz alusão clara ao Washington Post, que ficou conhecido mundialmente após o escândalo político que culminou na renúncia do então presidente americano Richard Nixon, na década de 70. No caso verídico, a fonte jornalística, que não foi revelada até hoje, ajudou a derrubar um esquema de corrupção e colaborou com a construção social da realidade, utopia que o jornalismo cotidiano busca construir a cada dia, mas na trama da série, a realidade é outra, e tanto fonte secreta como a jornalista estão em busca de favorecer os próprios interesses, não se importando com a informação que será transmitida.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/house-of-cards-e-a-politica-brasileira-667.html>>. Acessado em março de 2016.

Durante as cenas, o deputado passa a ser a fonte principal da profissional, que utiliza as informações para subir dentro do veículo de imprensa, por não suportar mais fazer matérias comuns por ser inexperiente. Mas o que ela não sabe é que estava sendo usada, já que o político só disponibilizava os furos que podiam beneficiá-lo. Barreto (2006) aponta para o cuidado que se deve ter durante a relação fonte-jornalista já que manter relações com políticos e facilitar a publicação de informações podem ser algo negativo para o jornalista.

A persistência de hábitos de convivência com o político, e facilidades ou facilitações de acesso de grupos de interesse a jornalistas ou editores, com fim de beneficiar àqueles, pode criar um clima de permissividade, cuja cognição pelo social pode ser alvo de críticas e repúdios, uma vez que, mesmo ante a presença da ideologia que se emaranha aos processos de representação, existem filtros sociais que permitem, no caso ao leitor, a percepção de desvios. (BARRETO, 2006, p.17)

A repórter acaba caindo no jogo de Frank Underwood e acaba se envolvendo emocionalmente com o democrata, e acaba fazendo tudo o que ele pede. Assim, ele vai conseguindo eleitores e destruindo os inimigos políticos. Para provar que é de confiança, até permite que ele a fotografe nua. Zoe se torna uma espécie de “prostituta da notícia”, ao invés de receber pelo sexo em dinheiro, recebe furos jornalísticos do congressista americano, que em alguns casos ainda nem aconteceram.

O exame da micro-relação entre o jornalista e sua fonte permite observar o entrelaçamento de práticas distintas, de agentes que pertencem a diferentes campos e, portanto, se orientam na direção de objetivos diversos. Contudo, devido à dinâmica própria de sua integração, precisam incorporar em alguma medida a lógica um do outro. Sob pena de perder a fonte, o jornalista deve ponderar aquilo que publica, calculando seus efeitos sobre o campo político; e fazer concessões aos interesses do outro, divulgando o destaque de certas notícias (mas nunca ao ponto de comprometer a própria credibilidade). Já a fonte, para manter seu acesso privilegiado à imprensa, deve reconhecer o material que é útil ao jornalista e, sobretudo, manter a própria confiabilidade diante dele, não transmitindo informações equivocadas em busca de benefícios de curto prazo (MIGUEL, 2002, p.14).

O pesquisador Aldo Antonio Schimtz (2006) classifica fontes jornalísticas como grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou

duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia.

Fonte e jornalista têm uma relação que pode se tornar perigosa do ponto de vista ético e profissional. Para Grossi (1981) fonte e competência são partes do processo que define a realidade, porém, utilizam mecanismos e tem rotinas diferentes. Com isso, cada um tem suas particularidades e agem de acordo com seus objetivos, deixando de lado o compromisso com a informação real.

A relação entre fontes de informação e o profissionalismo jornalístico deve ser descrita de maneira ambivalente, de acordo com as teorias de sistemas. É uma relação entre um sistema (empresa jornalística) e o ambiente (a realidade dos acontecimentos). As fontes representam os limites de mutabilidade, às vezes instáveis, que regulamentam o equilíbrio entre os dois contextos (GROSSI, 1981, p.83)

Da maneira que o tema política é abordado, tem-se a impressão de realidade durante todo o desenrolar dos episódios, mas são apenas representações do real. Em seus estudos, Berger e Luckmann (1995) o conhecimento empírico tido pelas pessoas é considerado verdade e o jornalismo atua como mediador, ajudando na construção social da realidade.

A maioria das pessoas acredita no que se passa na televisão ou nos jornais sem ter conhecimento de como é o processo de produção da notícia até ser veiculada para a grande massa, principalmente quando o tema é relacionado à política. Segundo os estudos de Alsina (2009):

O poder político tem a capacidade de influenciar a informação através de acontecimentos que tem sentido e através de uma nova definição da realidade. Além do mais, o jornalista que precisa re-com-textualizar rapidamente o acontecimento excepcional em a tendência de privilegiar as interpretações estabelecidas pelo sistema político, e isso o leva a misturar a importância pública do acontecimento com a valorização estabelecida pelo sistema político. (ALSINA, 2009, p.303)

Ainda de acordo com Berger e Luckmann (1995) o ser humano se acostuma e fica habituado ao que vê diariamente. Cria um padrão de ver a realidade e o repete sempre. Por lembrar muito o real, *House of Cards* tem em sua estrutura traços de uma *metaficção*, que segundo Steindorff (2015), são os produtos ficcionais que de alguma forma duplicam sua

narrativa no interior da obra, e assim mudam a relação do espectador com a narrativa. Essa verossimilhança pode confundir o interlocutor. Na sua pesquisa, utiliza um exemplo cotidiano para exemplificar a diferença entre ficção e realidade dos fatos.

Mesmo que a obra de ficção se refira a um dia ensolarado ou chuvoso, não há necessidade de que essas condições realmente se apliquem ao dia em que a obra foi realizada. Isto, para o autor não se trata de uma mentira, apesar de não ter acontecido. Para ele, quando o autor produz a sua obra, está na verdade fingindo fazer asserções. E assim a ficção retorna à sua origem. (STEINDORFF, 2015, p.15)

Na obra o autor não busca enganar o telespectador, mas fazer acepções com o real para representar a realidade, já que utiliza o mesmo espaço onde o congresso e o presidente norte-americano trabalham. A relação fonte-jornalista e suas medidas são problemas enfrentados em quase todas as redações. Em muitos casos, jornalistas se propõem em proporcionar situações onde até mesmo falta ética, passando do limite aceitável pelo meio.

## **METODOLOGIA**

Como o trabalho em questão se propõe em apresentar a relação da fonte com o jornalista na série *House Of Cards*, foi utilizada uma pesquisa descritiva. Segundo Malhotra (2012) é um tipo de pesquisa conclusiva e que tem como principal objetivo a descrição de algo. A análise dos primeiros episódios da primeira temporada para observar as cenas em que a relação perigosa entre fonte e jornalista são reproduzidas.

Através de monitoramento, foi possível perceber uma representação do real nos episódios da ficção americana, já que as cenas são gravadas nos prédios oficiais dos parlamentares e a rotina também é representada da forma que acontece na realidade.

O método comparativo entre o real e a ficção serviu para mostrar como os dois podem se confundir através dos episódios. Também será feita uma análise da história fictícia com a realidade da política. Será importante durante todo o processo a análise separada do que é verdade e o que fictício, na tentativa de não misturar os processos exageradamente.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro episódio, depois de analisar fatos da vida de Frank, Zoe Barns vai até a casa do deputado e oferece os serviços para publicar o que ele quiser, preservando sua identidade. O parlamentar afirma que vai pensar sobre o assunto e a manda embora. No mesmo período, estava tramitando na câmara de deputados um projeto de reforma da educação, então, ele marca um encontro escondido com Zoe para entregar um rascunho do projeto para que ela pudesse publicar.

No dia seguinte, o projeto está na primeira capa do jornal, motivo para o *Donald Blythe* (Reed Birney), responsável pelo estudo da reforma do ato da educação, não resistir e renunciar ao cargo. Francis é indicado pelo companheiro para tocar o projeto. Depois, leva até a repórter um artigo escrito pelo então secretário de estado na época de faculdade criticando o Iraque.

No momento, ele estava envolvido em uma missão de paz na faixa de casa, mas a publicação o fez renunciar ao cargo, já que os iraquianos se recusaram a negociar com alguém que tinha aquelas ideias preconceituosas. Com o apoio da jornalista, Frank consegue tirar dois políticos do seu caminho, aumentando seu prestígio perante a Casa Branca.

Apesar de ser uma série ficcional, Eduardo Saldanha (2015) afirma que problemas como os representados na série podem ser encontrados facilmente no nosso cotidiano.

House of Cards é uma obra ficcional que retrata a realidade política nos Estados Unidos e que, obviamente, possui os exageros necessários a uma trama televisiva, porém pode nos trazer certas reflexões que muitas vezes não estão muito longe do nosso quintal. (SALDANHA, 2015)<sup>5</sup>

A relação da jornalista com o democrata era confidencial, os dois se encontravam as escondidas e o por ser ficção, o político ficava exposto e marcava encontros secretos em lugares públicos para passar os furos de reportagem para a “foca” e também manter um relacionamento amoroso. A esposa de Frank sabia de tudo, ciente de que fazia parte de seus

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/relacoes-internacionais-em-perspectiva/a-realidade-de-house-of-cards-parte-ii-os-males-da-reeleicao/>>. Acessado em março de 2016.

planos para a chegada a Casa Branca. Este modelo de apuração atualmente pode ser contrariado por algumas redações e chefes que não permitem que a informação seja divulgada no veículo sem se ter conhecimento da procedência da informação obtida pelo repórter, pedindo para verificar com medo de dar uma informação equivocada. Segundo Alsina (2009) As relações dos jornalistas com suas fontes confidenciais, às vezes, são tão exclusivas que não se conhece a identidade nem sequer pelos membros da redação do jornal. Mas às vezes, seus chefes podem pedir-lhes informação sobre as fontes.

Em outra cena, Frank chega com uma informação que não era concreta, era apenas uma especulação sobre uma possível troca do secretário de Estado Americano, então a jornalista disse que não poderia publicar aquela informação por não se tratar ainda de veracidade, de notícia. Mas, o político utiliza todas as suas artimanhas e consegue com que o conteúdo fosse publicado, afirmando que se ela escrevesse sobre aquilo, teria certeza que se tornaria verdade. Alsina (2009) aponta que em ocasiões determinadas fontes fazem vaziar alguma informação que têm interesse em aparecer na mídia e o jornalista negocia com ela para que seja publicada e que os meios de comunicação não têm como resistir.

Os profissionais que trabalham em certos tipos de empresas e mantêm relações com as fontes, são sujeitos a receberem condições das fontes para obter informação. Isso faz com que a apuração não seja feita com cuidado e pode prejudicar o resultado final do conteúdo. Alsina (2009) afirma que jornalista e fontes estabelecem “regras no jogo”.

A partir do momento que Frank não consegue ter mais o domínio das informações de Zoe, e ela começa a descobrir além daquilo que ele forneceu, ela começa a ser um ponto fraco do deputado. A relação começa a entrar em crise, e ainda na primeira temporada, Frank mata a jornalista para que informações confidenciais não vazem.

## **CONCLUSÕES**

Com base no estudo da representação entre fonte e jornalista, pode se concluir que a ficção e a realidade estão quase que juntas dentro do seriado. Com base nos estudos de Alsina (2009) sobre a relação fonte-jornalista, percebe-se a relação de perigo que existe entre as duas profissões.

Como aconteceu na ficção, a realidade está passível de cometer os mesmos erros, deixando de lado os mantras do jornalismo, como imparcialidade e veracidade da

informação, a fim de beneficiar os interesses próprios, seja do político ou do profissional de imprensa. Vale ressaltar que é preciso existir o limite mínimo entre fonte e jornalista, a fim de que as duas posições sejam preservadas em plenitude.

Também é importante lembrar que muitas vezes a verossimilhança da ficção com a realidade pode confundir o espectador/leitor, e o conformismo pode atrapalhar o entendimento do mesmo. Assim como aponta Steindorff (2015), que “através da linguagem utilizada, as obras realistas possibilitaram ao leitor ter a sensação de verdade, ‘tocar’ a verossimilhança. Trata-se de um figurino novo. No afã de documentar o real, de fundir-se o mais possível à realidade”.

Observa-se na relação da fonte citada durante todo esse artigo como funciona o trabalho da assessoria de imprensa política na colocação de informações para o povo, na comunicação política.

A série, entre suas histórias que finalizam a cada capítulo ou que se estendem, retrata muito bem a importância de uma relação sadia no jornalismo e a necessidade de cultivar bem fontes, usando-as em seu determinado espaço e tempo. As informações repassadas pelo político para o povo, através da repórter, vão de encontro ao seu interesse, exclusivamente. A série se assemelha a realidade quando as informações são filtradas e passadas de acordo com a necessidade de poderosos.

Cabe a nós, leitores, ouvintes ou telespectadores, refletir a cada informação que é veiculada nos meios jornalísticos, principalmente sobre política. *House Of Cards* é ficção, mas problemas de relação com fontes e publicações por interesses, seja da empresa ou da fonte são publicadas a todo instante.



## REFERÊNCIAS

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da Notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. – (Coleção Clássicos da Comunicação Social).

AMARAL, Roberto. **House Of Cards e a política brasileira**. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/house-of-cards-e-a-politica-brasileira-667.html>>.

BARRETO, Emanuel. **Jornalismo e política: a construção do poder**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. III No 1, 2006.

BERGER, P., LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 12ed. Petrópolis : Vozes, 1995. p.248.

FINCHER, David. **House of Cards**. Ep. 01, temp. 2013. 01. 55 min., color. Disponível em [www.netflix.com](http://www.netflix.com).

\_\_\_\_\_. **House of Cards**. Ep. 02, temp. 2013. 01. 49 min., color. Disponível em [www.netflix.com](http://www.netflix.com).

FOLEY, James. **House of Cards**. Ep. 03, temp. 01. 2013. 55 min., color. Disponível em [www.netflix.com](http://www.netflix.com).

\_\_\_\_\_. **House of Cards**. Ep. 04, temp. 01. 2013. 55 min., color. Disponível em [www.netflix.com](http://www.netflix.com).

GROSSI, G. **Professionalità e 'casi eccezionali. Problemi dell'Informazione**, VI (1), (1981).

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de marketing**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

MIGUEL, Luis Felipe. **Os meios de comunicação e a prática política**. *Lua Nova*, 2002, n. 55-56.

SALDANHA, Eduardo. **A realidade de House of Cards Parte II – os males da reeleição**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/relacoes-internacionais-em-perspectiva/a-realidade-de-house-of-cards-parte-ii-os-males-da-reeleicao/>>.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégicas das fontes no jornalismo**- Florianópolis: Combook, 2011.

STEINDORFF, Gabriel. **Além de um castelo de cartas: a metaficção na série House of Cards**. Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC 2015.